

príncipes da medicina
mário cordeiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Í N D I C E

Introdução	11
O Símbolo da Medicina	13
Imhotep	19
Hipócrates	24
São Lucas	30
Galeno	31
Sorano de Éfeso	37
Avicenas	39
Pedro Hispano	43
Ibn-Al-Afis	50
Nicolau Copérnico	52
Fracastoro	56
Paracelso	62
François Rabelais	67
Jean Fernel	71
Garcia de Orta	74
Ambroise Paré	81
Amato Lusitano	93
Andreas Vesalius	100
Gabriel Fallopio	106
Luis de Almeida	109
Francisco Sanches	112
Zacuto Lusitano	114
William Harvey	119
Antón Van Leeuwenhoek	122
Herman Boerhaave	127
Jacob Sarmiento	133
António Ribeiro Sanches	138
James Lind	146
Edward Jenner	152
Joseph-Ignace Guillotin	158

René Laennec	166
David Livingstone	172
Ignaz Semmelweis	176
Peter Ludvig Panun	182
Rudolf Carl Virchow	186
Gregor Mendel	198
Louis Pasteur	201
Júlio Diniz	207
Sousa Martins	209
Robert Koch	214
Ivan Pavlov	218
Miguel Bombarda	222
Ramón Y Cajal	227
Júlio de Matos	230
Sigmund Freud	233
Ricardo Jorge	246
Alfredo da Costa	256
Arthur Conan Doyle	260
Anton Tchekhov	269
Câmara Pestana	276
Adelaide Cabete	282
William Somerset Maugham	287
Tadeusz Boy-Zelenski	294
Egas Moniz	296
Elísio de Moura	302
Carolina Beatriz Ângelo	304
Reynaldo dos Santos	308
Alexander Fleming	317
Júlio Gonçalves	323
Robert Debré	331
Jaime Cortesão	335
Pulido Valente	338
Bissaya Barreto	341

Gregorio Marañón	346
Abel Salazar	349
Céline	354
Sara Benoliel	359
Fernando Valle	363
Benjamin Spock	367
Armando Rodrigues	372
Werner Forssmann	376
Corino de Andrade	382
Pedro Arrupe	387
Miguel Torga	391
Cesina Bermudes	395
Salvador Allende	399
Virginia Apgar	404
João Dos Santos	407
Agostinho Neto	412
Miller Guerra	417
Jaime Celestino da Costa	422
Fernando Namora	426
Laura Ayres	434
Manuel Machado Macedo	438
Prista Monteiro	441
Christiaan Barnard	444
Albino Aroso	448
Fernando Teixeira	452
Luís Goes	454
Michael Crichton	458
Mário Botas	463
Sócrates Brasileiro de Oliveira	465
Carlos Paião	470
Paulo Cunha e Silva	472
Palavras Finais	474



INTRODUÇÃO

O príncipe é o filho do rei, mas pode também ser aquele que salva a princesa (ou as donzelas em geral) e a resgata da morte através de um beijo que simboliza a paixão e o amor. Seja num caso, seja no outro, um príncipe goza de uma aura de simpatia porque representa bondade, erudição, sonho, ideal, altruísmo, intrepidez, coragem... enfim, o que de melhor tem a condição humana.

A sua distância relativamente ao poder é relativamente larga, colocando-o mais ao nível dos homens comuns. Assim, embora tenha havido exceções na História, com príncipes malvados e pérfidos, ser príncipe é um atributo reconhecidamente bom. Se alguém chamar príncipe a um filho nosso, ficamos embevecidos e não é apenas por causa da personagem do Príncipezinho de Saint-Exupéry.

Na medicina, como em todas as outras profissões, houve e há mulheres e homens que se dedicaram e entregaram ao próximo, de forma abnegada, sem outro desejo que não o de melhorar a sua arte e, no caso dos médicos, prevenir a doença, diagnosticá-la e tratá-la, evitar males secundários e promover a saúde e o bem-estar, dando apoio nas horas mais terríveis de qualquer ser humano, como a enfermidade e o sofrimento físico, psicológico e social. Ou assistindo as pessoas acidentadas, feridas, em teatros de guerra ou estando presente na hora da morte.

Todavia, entre este incontável número de médicas e de médicos, sobressaíram alguns que adicionaram, à Arte Médica, outras vertentes do complicado e pluripotencial *puzzle* que é o ser humano, conseguindo transcender-se por, além de médicos dedicados, terem conseguido ser mestres na pintura, escultura, poesia, música, literatura, política, filosofia e história, ou na defesa intransigente e corajosa dos direitos humanos. São estes verdadeiros príncipes, pelo que representam de exemplos e modelos a analisar, admirar e eventualmente seguir.

Recolhi histórias de percursos de vida desde a Antiguidade egípcia

até aos nossos dias, numa pesquisa que foi, devo dizer, intensiva mas muito recompensadora e com a qual muito aprendi. Todavia, tendo de fazer escolhas — o que é sempre subjetivo e, portanto, discutível — optei por escrever apenas sobre médicos que já não estão entre nós. Por outro lado, reuni nomes de médicos estrangeiros, de médicos portugueses, e de outros que, embora nascidos no nosso país, fizeram a sua vida noutros países, por a isso terem sido obrigados no decurso de perseguições políticas ou religiosas.

Para lá da medicina, estes príncipes desenvolveram artes e dedicaram-se ao estudo e implementação das ciências humanas, ou envolveram-se na política. Alguns fizeram um pouco de tudo. São vidas admiráveis, plurifacetadas, sofridas. As decisões que tiveram de tomar podem parecer «pacíficas», vistas à distância, mas terão certamente sido fruto de grandes inquietações e de um enorme esforço e empenhamento pessoal. Foram príncipes, atributo cada vez mais raro num mundo que parece quase cultivar a cupidez e a ignorância, mostra ser pouco reflexivo e em que os valores do bom senso, saber esperar, escutar, argumentar e aceitar ideias de outros ou, mesmo não o fazendo, respeitar a existência de outras ideias, parecem não estar cotados em nenhum índice «económico» de uma qualquer agência de *rating*.

Estas mulheres e homens não visavam o lucro nem pretendiam gerar proventos para quaisquer acionistas, tão apenas queriam aperfeiçoar-se, a eles e à Humanidade, numa urgente necessidade de deixar marcas e de darem tudo o que tinham para dar, acabando por mostrar que a condição humana é feita do pior mas também do melhor, e que o percurso de vida de cada um, se escolhido por si e sendo seu, também pode beneficiar todas as pessoas, em busca de graus civilizacionais de superior liberdade, rigor e transcendência.

MÁRIO CORDEIRO
Cezaredas, janeiro de 2016

O SÍMBOLO DA MEDICINA

O emblema da Medicina, bem conhecido da maioria dos leitores (uma serpente enrolada num cajado), tem sido objeto de várias interpretações e o seu significado muito debatido.

Segundo a mitologia, as primeiras explicações, baseadas nas origens greco-romanas, afirmavam que o bordão ou caduceu teria a ver com o bastão do deus grego da medicina, Asclépio, que depois, aquando da transferência para a mitologia romana, foi renomeado como Esculápio; este símbolo tinha apenas um bastão sem asas e uma serpente. É também pertença mitológica o facto de Asclépio ter o poder de restaurar a saúde dos doentes e de trazer os mortos de volta à vida.

Os gregos consideravam as serpentes como animais sagrados e usavam-nas em rituais de cura, para honrar Asclépio, já que o seu veneno era terapêutico e a sua pele, por se reconstituir, era tida como um símbolo de renascimento e de renovação. As serpentes não venenosas (*Elaphe longissima*) eram mantidas e preservadas nos lares e nos templos da Grécia Antiga, não só pelo seu significado místico, como pelo seu fim utilitário, já que se alimentavam de ratos. O símbolo de Asclépio consiste, assim, num bastão de madeira envolvido por uma serpente que dá duas voltas e meia à sua roda.

Asclépio era filho de Apolo e da ninfa Coronis, e foi brilhantemente educado pelo centauro Quiron nas várias vertentes das artes, ciências e filosofia, tendo também aprendido o uso de plantas medicinais. Segundo a lenda, Asclépio ganhou fama e, além de curar os doentes que o procuravam, passou a ressuscitar os que já encontrava mortos, ultrapassando os «limites da medicina». Este poder desencadeou a cólera de Zeus,



que o fulminou para pôr cobro à perigosa ousadia de perturbar a ordem natural do mundo, consagrada no ato de ressuscitar os mortos; noutra versão da mitologia, a morte de Asclépio teria sido uma punição de Zeus pelo facto de o médico aceitar dinheiro em troca da ressurreição dos doentes. De qualquer modo, para a história com que estamos a lidar, o facto que interessa é que, depois da morte de Asclépio, Zeus colocou-o entre as estrelas, na forma de uma constelação, a de *Ophiuchus* (também designada por Serpentário, «o 13.º signo», ou ainda por «portador da serpente»), uma constelação estelar que fica entre as do Sagitário e da Balança. Novamente a serpente surge como um componente simbólico associado à doença e à medicina.

Persiste a polémica entre os estudiosos da história da medicina sobre o simbolismo do bastão e da serpente. No que se reporta ao bastão, para certos autores representa a «árvore da vida, com o seu ciclo de morte e renascimento»; para outros é um símbolo do poder, como o são o cetro dos reis ou o báculo dos bispos; outros, ainda, creem que possa ser um símbolo de magia, como a vara de Moisés; finalmente, uma outra interpretação sugere o bastão como um apoio para a caminhada do percurso de vida, à semelhança do cajado dos pastores.

A serpente, por sua vez, teria uma representação antonímica: o bem e o mal, a saúde e a doença, a astúcia e a sagacidade, o poder de rejuvenescimento, pela troca periódica da pele, ou o envelhecimento dessa mesma pele; o elo entre o mundo visível e a dimensão invisível, a conexão e síntese entre o passado, o presente e o futuro. Sintetizando, podemos dizer que a serpente é o símbolo da ligação temporal que caracteriza o percurso terreno do ser humano.

Infelizmente, alguns médicos levam a sério as práticas atribuídas a Asclépio, julgando-se eles próprios deuses e ultrapassando os limites, quer da razoabilidade, quer do respeito pela liberdade dos seus doentes, de que o chamado «encarniçamento terapêutico», ou seja, o manter uma pessoa viva quando já nada é possível fazer ou quando isso lhe causa sofrimento atroz, é um exemplo muito frequente, bem como o desrespeito pelo dever de informar o paciente e pedir-lhe o consentimento informado para os atos médicos, exames complementares ou terapêuticas.

A figura de Asclépio é habitualmente representada por um cirurgião, a bordo do mitológico navio *Argo*, construído com a ajuda da deusa Atenas.

O *Argo* foi comandado por Jasão e levou os argonautas na sua viagem em busca do velocino de ouro, a lã de ouro de um carneiro alado, segurando Jasão um bastão com uma serpente à sua volta.

Na Bíblia há referências ao bordão de Asclépio (*Números* 21, versículo 8): «E disse o Senhor a Moisés: Faz-te uma serpente ardente e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo o que, tendo sido picado, olhar para ela.» — subentende-se pois que o caduceu é um símbolo anterior a Cristo, e utilizado há mais de dois mil anos.

A Organização Mundial de Saúde — OMS —, fundada em 1948, adotou o símbolo de Asclépio como seu, e a Associação Médica Mundial, na sua reunião em Havana, em 1956, optou por um modelo estilizado do símbolo, para uso dos médicos civis, tendo a serpente duas curvaturas à esquerda e uma à direita. Muitas organizações médicas de caráter profissional e de âmbito nacional de vários países, em todos os continentes, têm emblemas com a serpente de Asclépio.

Uma outra interpretação, no contexto da mitologia greco-romana, refere-se a um símbolo em tudo similar mas que não o da medicina de Asclépio: o símbolo de outro deus grego, Hermes, o qual é descrito como um bastão de ferro, com duas serpentes tendo na sua parte final um par de asas. Hermes, adotado pelos romanos com o nome de Mercúrio, era considerado um deus desonesto e trapaceiro, astuto e mentiroso, o deus do lucro e protetor dos ladrões. A sua primeira malfeitoria, ainda enquanto criança, teria sido roubar parte do gado de seu irmão Apolo, negando depois a autoria do furto, o que motivou a intervenção direta de Zeus, que o obrigou a confessar o roubo.

Para se reconciliar com Apolo, Hermes deu ao irmão uma lira, feita por si próprio, esticando cordas fabricadas com tripas de boi sobre o casco de uma tartaruga. Logo de imediato fabricou uma flauta que também ofereceu a Apolo. Este, comovido, teria então dado a Hermes o caduceu, palavra latina traduzida do grego *kherykeion*, que significa «bastão dos arautos», ou seja, uma espécie de salvo-conduto que conferia imunidade ao seu portador quando em missão de paz. O primeiro caduceu não tinha asas na extremidade superior; estas foram acrescentadas posteriormente, para simbolizar a capacidade de Hermes de se deslocar à velocidade do pensamento, o que o fazia ser o mensageiro dos deuses do Olimpo e o deus dos viajantes e das estradas.

Segundo os filólogos, a denominação de Mercúrio, dada a Hermes

pelos romanos, provém da palavra *merx*, que significava mercadoria ou negócio. O metal *hydrargyros*, na nomenclatura grega, passou a chamar-se mercúrio, devido à sua mobilidade, que o torna escorregadio e de difícil preensão — o planeta Mercúrio deve também o seu nome ao facto de se deslocar a uma velocidade maior do que os outros planetas do sistema solar.

Como o comércio, na Antiguidade, era na sua maioria ambulante e fazia-se especialmente através de viajantes, Hermes foi consagrado como o deus do comércio. O caduceu de Hermes passou, por isso, a ser utilizado também em emblemas de associações comerciais, escolas de comércio, empresas de contabilidade e estações ferroviárias. Outro desígnio atribuído a este deus seria o transporte dos mortos para a sua morada subterrânea junto a Hades, depois de atravessar o rio Aqueronte na barca de Caronte, o que explica a existência do cajado, como instrumento que o ajudaria no caminho escuro para o submundo da morte.

O facto de Hermes ser o deus dos viajantes, bem como as semelhanças entre o bordão de Asclépio e o de Hermes, explica também a sua ligação com a medicina pois, antigamente, os médicos tinham de percorrer grandes distâncias a pé para visitar os doentes. Ainda há escassas décadas, na Madeira e provavelmente noutros locais do país, um médico, para chegar junto de um doente em diversos locais, como o Curral das Freiras, poderia precisar de caminhar mais de duas horas a pé.

Numa das versões do mito de Hermes, este recebeu o bastão das mãos de Apolo, o deus da cura. Noutra versão, recebeu-o do próprio «deus dos deuses», Zeus, numa forma entrelaçada por duas fitas brancas, mais tarde substituídas por serpentes, já que, na mitologia, Hermes teria usado a vara para separar duas cobras que lutavam e que, então, se enrolaram nela e aí permaneceram, tendo restabelecido a harmonia e o equilíbrio, podendo assim as cobras coabitar.

No intercâmbio da civilização grega com a egípcia, e com a mistura das respetivas mitologias, o deus egípcio Thoth foi assimilado a Hermes e, desse sincretismo, resultou a denominação de «Hermes egípcio» ou «Hermes Trismegistos» (do grego *tria* (três) e *mega* (grande), dada ao deus Thoth, considerado o deus do conhecimento, da palavra e da magia. Todavia, apesar destes mitos, no panteão egípcio o deus da medicina correspondente a Asclépio é Imhotep (ver pág. 19) e não Thoth.

Entre o século III a.C. e o século III d.C. surgiu um tipo de literatura esotérica denominada «hermética», em alusão a Hermes Trismegistos, a qual versava sobre ciências ocultas, astrologia e alquimia, sem contudo ter qualquer relação com o Hermes tradicional da mitologia grega, mas estando apesar de tudo em grande sintonia com as práticas da medicina antiga, homeopática e alquimista. O sincretismo entre Hermes da mitologia grega e Hermes Trismegistos da mitologia egípcia resultou no uso do caduceu como marca deste último, tendo sido adotado também como símbolo da alquimia.

Uma outra explicação para a origem do símbolo da Medicina pode residir numa confusão entre o bastão de Asclépio e o caduceu de Hermes, por via de um editor suíço de grande prestígio, Johannes Froebe (ver Paracelso, pág. 61), que, no século XVI, adotou para a sua editora um logotipo semelhante ao caduceu de Hermes, imprimindo-o no frontispício das obras clássicas de medicina, como as de Hipócrates (ver pág. 24) e de Aëtius de Amida. Outros editores, em Inglaterra e posteriormente nos Estados Unidos, utilizaram símbolos iguais ou parecidos, contribuindo para a difusão do caduceu.

Admite-se que a intenção dos editores tenha sido a de usar um símbolo identificado com transmissão de mensagens, já que Hermes era o mensageiro do Olimpo (e Mercúrio o mensageiro dos deuses romanos) e, desde a invenção e difusão da imprensa, por Gutenberg, em meados do século XV, a informação passou a ser transmitida por meio da palavra impressa, sendo os editores os «mensageiros» dos autores. Outra hipótese, ainda, é de que o caduceu tenha sido usado na imprensa equivocadamente, em alusão a Hermes Trimegistos, porque a este também se atribui a invenção da escrita egípcia. Em antigas prensas utilizadas para impressão tipográfica encontra-se o caduceu de Hermes como figura decorativa. Outro facto que terá contribuído para esta confusão entre os dois símbolos, foi o exército francês ter fundado, em 1901, uma revista médica chamada *Le Caducée*, na qual estão estampadas duas figuras estilizadas do símbolo de Asclépio, com uma única serpente. Seja qual for a versão certa, entre tantas que parece haver, é indubitável que a palavra caduceu foi usada para nomear, quer o símbolo de Hermes, quer o bastão de Asclépio.

Felizmente, para a esmagadora maioria das pessoas, a serpente passa despercebida e o que o doente deseja do seu médico é estar perante

um profissional competente, ou seja, um «Asclépio» que o resgate da morte, e um bom mensageiro, ou seja, um «Hermes» que lhe traga boas notícias...

Outras explicações, mais coloquiais, jocosas e exclusivas da Língua Portuguesa, dizem que o símbolo da medicina é uma cobra porque «se o doente sobreviver o médico cobra, se morrer cobra na mesma».

IMHOTEP

*O primeiro médico e ainda arquiteto,
sacerdote, mágico e escritor*

Sempre houve homens que procuraram transcender a condição humana. Um dos exemplos, e pelo qual inicio este livro, foi Imhotep (*Ii-m-htp* em egípcio), o que significa “aquele que vem em paz”, e que foi médico, arquiteto, sacerdote, mágico, escritor e primeiro-ministro do faraó. Ficará na História por muitas razões, mas mais provavelmente por ter sido o responsável pela construção da primeira pirâmide do Egito, a pirâmide de degraus de Sakkara, tendo sido seu «mestre alarife» e coordenador da edificação. Digamos que, para usar uma expressão coloquial, era um «homem dos sete instrumentos».

A lenda conta que Imhotep era filho espiritual de uma mulher chamada Khreduankh e do deus Ptah. Os seus pais biológicos seriam membros da aristocracia, a atestar pelo título que ostentava de «Nobre Hereditário». Educado por um escriba a partir dos 12 anos, terá começado a sua carreira ainda muito jovem e ingressado na vida sacerdotal, na qual terá singrado e revelado grande saber e maturidade, pois a função que desempenhou, de sumo-sacerdote de Heliópolis¹, estava reservada a alguém que tivesse uma vasta educação nas artes e nas ciências.

Poucas informações chegaram até nós sobre essa misteriosa personalidade histórica, dada a escassez de documentação produzida na época e a destruição de inúmeros manuscritos e papiros com o tempo e a ação dos homens, designadamente os múltiplos invasores do espaço egípcio, mas há provas da sua existência e do que nela fez. O seu legado é, portanto, indelével na História da Humanidade e da medicina.

Imhotep terá nascido entre 2555 e 2600 a.C. quando reinava o faraó

¹ Nome grego da cidade de Iunu, que foi capital do Baixo Egito e uma das cidades mais importantes do Império Antigo, onde o deus Rá, simbolizado pelo círculo solar, era adorado.



Djoser, um rei da Terceira Dinastia, e foi elevado à função de vizir, também designada por chanceler do faraó, e sumo-sacerdote do deus-sol Rá, em Heliópolis, a «cidade do Sol». A designação que se lhe atribui de «primeiro arquiteto, engenheiro e médico» da História Antiga — embora dois outros médicos, Hesy-Ra e Merit-Ptah, tenham sido seus contemporâneos — deve-se ao facto de ter sido o único deles a deixar para a posteridade, quer obras, quer pensamentos e conceitos.

Desde a época da construção da primeira pirâmide de degraus até ao período greco-romano, ou seja, num extenso período de cerca de três milénios,

Imhotep era conhecido pelo título de «o maior». Quantos homens se poderão gabar disso, tanto na Antiguidade como no presente? Quem se recordará de nós daqui a três mil anos e durante três mil anos? Ou mesmo de Picasso ou Steve Jobs, Eusébio ou Olof Palme? Não das obras, invenções e contribuições, mas dos nomes e dos pormenores das suas vidas? O facto é tanto mais significativo se considerarmos que, à época, os registos escritos eram muito escassos e os relatos jornalísticos não existiam, como não existiam registos informáticos ou Internet.

Na história egípcia, a era de Imhotep foi considerada como uma época de grande sabedoria. Pode dizer-se que este médico e arquiteto foi um dos primeiros, se não mesmo o primeiro, grande herói nacional do Egito. A sua fama foi tal que, vinte e três séculos após a sua morte, acabou por ser elevado a deus tutelar da medicina. Os gregos, por sua vez, como já referi, deram-lhe o nome de Imuthes e identificaram-no com Asclépio, o já mencionado filho de Apolo, tendo a personagem sido depois adotada pelos romanos como Esculápio, o deus da ciência médica, também já aqui referido.

Imhotep foi considerado pelos egípcios como o maior dos escribas, tendo redigido tratados de medicina e de astronomia, bem como uma obra de provérbios que, infelizmente, nunca foi encontrada pelos arqueólogos,

embora se tenham dados concretos da sua existência. Existirão ainda vestígios e documentos, seguramente, em alguma gruta ou recanto deste mundo, à espera de um investigador mais persistente, de um pastor que aí se recolha calor do sol ou de um qualquer «tropeção ocasional» de uma criança no meio das suas brincadeiras, como aconteceu com os manuscritos do Mar Morto, em 1947, ou tantos outros documentos históricos e decisivos para a vida e pensamento dos seres humanos.

Os escribas egípcios prestavam-lhe homenagem, tendo por hábito, antes de começarem qualquer trabalho, entornar nos papiros algumas gotas de tinta, em sua honra. Durante o consulado de Djoser, faraó que reinou quase duas décadas e foi o primeiro a ser sepultado numa pirâmide de pedra, Imhotep ocupou a segunda posição na hierarquia do Estado. Na base da estátua daquele rei, que se encontra na pirâmide de Sakkara, o nome e títulos do mestre aparecem com o mesmo nível de honra e de importância que os do faraó, o que não podia ser sinal mais evidente da importância e do respeito que Imhotep merecia.

Este médico foi, assim, um dos raríssimos plebeus a quem foi concedido o estatuto divino após a morte, e foram-lhe atribuídos múltiplos títulos: *Chanceler do Faraó do Baixo Egito, Primeiro após o Faraó do Alto Egito, Administrador do Grande Palácio, Médico, Nobre Hereditário, Sumo-Sacerdote de Anu, Arquiteto-Chefe do Faraó Djoser, Escultor e Fabricante de Recipientes de Pedra*. Tudo títulos que, hoje, nos podem quase provocar um sorriso, típico da arrogância e da ignorância dos que desdenham os ensinamentos e a narrativa da História, mas que mostram a dignidade e a elevação do cargo de Imhotep.

A sua engenhosidade, enquanto arquiteto, consistiu em introduzir pela primeira vez, numa construção monumental de pedra, todos os métodos artísticos e de engenharia que até então apenas haviam sido aplicados a construções de madeira, feixes de caniços ou tijolos de limo secos ao sol, obtendo como resultado final um extraordinário e maravilhoso complexo funerário que ainda hoje podemos apreciar. As inovações introduzidas por este homem genial foram diversas: colunas estriadas e não estriadas, pórticos, propileus, pilares, capitéis nas mais variadas formas, baixos-relevos com realismo e vida, ou obras de olaria envernizadas ou esmaltadas. A este médico e arquiteto também se atribui a orientação das pirâmides para norte, sabendo-se apenas hoje que o ser humano dorme tendencialmente melhor se estiver com a cabeça

voltada para Norte, esse ponto cardeal. Por tudo isso, para lá de criador da medicina, foi considerado também o génio criador da arquitetura. No Período Tardio da era egípcia, Imhotep era objeto de culto numa das capelas do complexo funerário de Sakkara, local para onde afluíam os doentes coxos de todo o país em busca de cura.

A dada altura, passou a ser referido igualmente como poeta e como filósofo, sendo uma honra para um egípcio poder dizer que tinha «ouvido as palavras de Imhotep».

A primeira pirâmide de Sakkara tem seis enormes degraus e atinge aproximadamente 62 metros. As primeiras pirâmides do Egito nada mais eram que mastabas empilhadas². A inovação de configuração em pirâmide foi idealizada por Imhotep, a pedido de Djoser, que desejava para si um túmulo mais grandioso do que o dos que o tinham antecedido, e que, ao mesmo tempo simbolizasse uma ascensão ao céu. A grandiosidade baseava-se em dois factos: ser originário das mais nobres linhagens e ter vivido, ao que se crê, numa época economicamente rica que permitiu uma obra... faraónica.

Quanto à escolha da forma piramidal, há que atender a que a pirâmide é a forma tridimensional do triângulo e este sempre teve um fortíssimo significado simbólico para a Humanidade, tanto do ponto de vista geométrico como psicológico e antropológico. Em termos de estrutura, o triângulo é a figura geométrica mais forte porque os vértices se apoiam mutuamente, o que a torna praticamente inquebrável. A forma triangular representa, também, a relação familiar, psicológica e afetiva pai-mãe-filho, que se (nos) perpetua até à Eternidade. A sua versão tridimensional, a pirâmide, gozará da mesma perenidade e poderemos encontrar aqui uma explicação para a opção por esta forma geométrica em múltiplas civilizações, desde os povos do Iucatán à pirâmide que François Mitterrand mandou construir em frente ao Louvre, como símbolo da Eternidade, e também o seu uso em obras de ficção cabalísticas, como o *Código da Vinci*, em que a solução do enigma religioso e transcendental da vida de Jesus está no vértice de uma pirâmide.

Mesmo que, no filme *A Múmia*, Imhotep tenha sido o nome dado à personagem que faz o papel de vilão (sem qualquer fundamentação

² *Mastaba* é uma palavra que provém da palavra árabe *maabba*, que significa «banco de pedra» ou «lama», e que, por sua vez, vem do aramaico «*misubb*», podendo ter origem persa ou grega.

histórica), a sua memória perdurará como a de um homem polifacetado, multicompetente e que abraçou a medicina como escolha, marcando de forma indelével, a história da luta contra as doenças e da promoção e desenvolvimento da saúde.

A localização da sua sepultura, construída pelo próprio, foi guardada em segredo e desconhece-se ainda o seu local, apesar dos esforços feitos pelos investigadores e arqueólogos para a encontrar.

HIPÓCRATES

O pai da medicina

Hipócrates é uma das figuras mais conhecidas da medicina, embora não tenha sido, ao contrário do que por vezes se diz, o criador da ciência médica. O que Hipócrates fez — e não é pouco! — foi sistematizar os conhecimentos adquiridos pelos seus antecessores, num extenso trabalho de metanálise, como estudar o ambiente, dividir e classificar as doenças conforme as suas origens, e sistematizar o exame clínico. Daí o título que obteve, conferido pela História, de «pai da Medicina».

O mito construído à volta de Hipócrates fez com que lhe fossem atribuídas relações divinas, a Asclépio, através do pai, e a Hércules, através da mãe. Mas mesmo descontando esses eventuais antecedentes trans-humanos, é dado certo que Hipócrates conviveu com alguns dos homens mais ilustres do seu tempo, como Demócrito, Platão ou Aristóteles — só estas relações teriam sido, para qualquer um, um enorme estímulo ao conhecimento e à procura da reflexão e da promoção do ser humano.

Hipócrates nasceu em Cós, uma ilha situada no mar Egeu, na Grécia, no ano de 460 a.C., o «primeiro ano da 80.^a Olimpíada», durante o período conhecido como «século de Péricles», um período de enorme esplendor em Atenas, e viveu 90 anos. Era um asclepiade, ou seja, um membro de uma família que, durante várias gerações praticava cuidados de saúde. O seu pai chamar-se-ia Héraclito e terá sido ele a ensinar ao filho as bases da ciência médica.

Como é natural, sabe-se pouco sobre o período infantil e juvenil da vida de Hipócrates, mas parece claro que terá viajado desde muito novo pelo Médio Oriente, tendo comprovadamente estado na Trácia, Tessália, Macedónia e Egito. Segundo alguns autores, o seu interesse

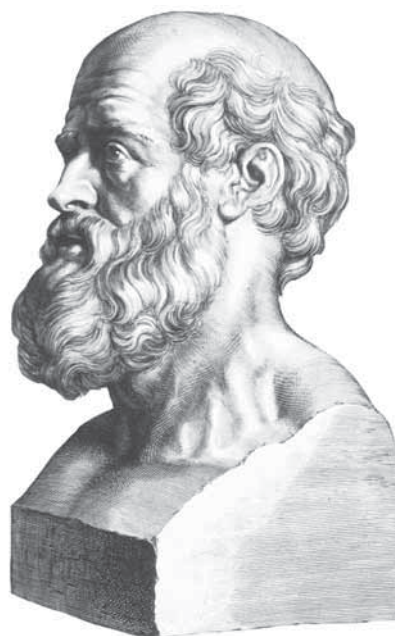
pela transmissão de doenças terá começado ao vivenciar, em Atenas, uma epidemia de peste.

Terminada a guerra do Peloponeso, que teve lugar entre 431 e 404 a.C., a medicina começou a extravasar os templos, separando-se da magia e do culto divino, para passar a ser do domínio do «humano» e a ter uma visão centrada no doente enquanto pessoa, curiosamente a visão que hoje se procura recuperar, no que é designado por «humanização da medicina», depois de a tecnologia e o poder médico terem em muitos casos abafado a relação natural e humana entre profissionais e pacientes.

Nas obras de Hipócrates pode-se constatar o seu enorme espírito de observação e de análise na descrição de doenças, até então não sistematizadas e confundidas umas com as outras, como a malária, papeira, pneumonia e tuberculose. Por outro lado, num enorme esforço epidemiológico, o médico definiu as doenças como sendo «do ar», «da água» ou «dos locais» — um conceito que, ainda hoje, é essencial para entender epidemias, endemias e o modo de propagação das doenças, para efeitos de diagnóstico e prevenção —, tendo feito também múltiplas dissecações de cadáveres que lhe permitiram um melhor conhecimento do corpo humano (prática que era proibida aos seus antecessores egípcios e gregos, e que voltou a ser negada aos investigadores durante o período medieval e renascentista, por influência da Igreja).

De volta à ilha natal, Hipócrates liderou a *Escola de Cós*, a partir do ano 420 a.C., na qual se rejeitava a abordagem das doenças através da superstição e da magia, para as considerar de um ponto de vista metodológico e científico. Foi esta mudança de paradigma que justificou a atribuição do cognome de «pai» da medicina, não da medicina em geral mas da que, mesmo com muitas alterações, ainda se usa na atualidade.

Como a Escola de Cós desconsiderava o ocultismo e os rituais iniciáticos, a arte médica não podia ser ensinada nos templos e assentava em registos escritos



das observações e deduções feitas pelos clínicos quando observavam os pacientes. Os médicos passaram a ser pagos, tratando mercadores ricos, políticos e reis, mas, ao mesmo tempo, administrando cuidados de saúde gratuitos a escravos, pobres e soldados. Olhando hoje para o que se passa na Grécia, país de Hipócrates, com o que se vê e o que se antevê, creio que esta noção dá que pensar, não apenas no berço da democracia mas em tantas partes do mundo, incluindo Portugal.

Desejoso de compreender o que se passava no interior do corpo humano, Hipócrates desenvolveu a teoria dos quatro humores corporais que, segundo ele, regulavam a energia do corpo, aparecendo as doenças como consequência das alterações e desequilíbrios desses humores, sendo eles: sangue, fleuma ou linfa, bílis amarela e bílis negra. Um quinto elemento, o pneuma, estava relacionado com o ar e com o fogo, e caracterizava o «sopro vital». O equilíbrio destas forças proporcionava eucrasia, ou seja, o bem-estar. O seu desequilíbrio, com falta ou excesso de um dos elementos, levava à discrasia, traduzida na dor e na doença. Nesta área, há grandes semelhanças com a Medicina Tradicional Chinesa e, se pensarmos um pouco além das nossas noções pragmáticas e entrarmos numa visão filosófica do corpo humano, há muito sentido no que Hipócrates propôs. Aproveitando os quatro elementos dos filósofos naturalistas: fogo, água, terra e ar, Hipócrates definiu os elementos que entravam na composição do corpo humano: o calor, o frio, o seco e o húmido, que seriam os princípios básicos do equilíbrio ou desequilíbrio do corpo. O leitor que reveja as situações em que se sentiu bem ou em que, pelo contrário, adoeceu, e veja se não se aplica, pelo menos parcialmente, este conceito. A teoria dos humores foi depois desenvolvida por Galeno (ver pág. 31), e manteve-se até ao século XVIII, ou seja, por um período superior a dois mil anos. Quantas teorias de hoje resistirão tanto tempo? As medidas curativas limitavam-se a redefinir os humores e a relação entre eles, através da intervenção sobre o suor, urina, sangue, bílis e fezes. O papel do médico era ajudar a ação da Natureza, no que foi designado por *similia similibus curantur*, ou seja, atuar da mesma forma que a Natureza, em conjugação com ela, através de laxantes, sangrias, purgas, clisteres, indutores do vômito e diuréticos ou, então, utilizando métodos revulsivos, como as ventosas ou as pontas de fogo.

As preocupações éticas de Hipócrates estão resumidas no célebre Juramento, que os médicos ainda fazem nas universidades quando se

licenciam e recebem o diploma. Mesmo que alguns autores defendam que esse juramento foi posterior ao «primeiro médico», a sua importância foi tal que, à falta de um outro autor, não fica mal atribuir-se a Hipócrates as bases do Juramento, redigido em 1771, segundo o texto que consta da Ordem dos Médicos Portugueses, seguido do Juramento adotado pela Associação Médica Mundial, em 1983:

O Juramento de 1771:

«Eu, por Apolo, médico, por Esculápio, Hígia e Panacea e por todos os deuses e deusas, a quem conclamo como minhas testemunhas, juro cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue: estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.

Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva.

Conservarei imaculada minha vida e minha arte.

Não praticarei a talha, mesmo sobre um calculoso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam. Em toda a casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.

Àquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja

dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.».

E o de 1983

Prometo solenemente consagrar a minha vida ao serviço da Humanidade.

Darei aos meus Mestres o respeito e o reconhecimento que lhes são devidos.

Exercerei a minha arte com consciência e dignidade.

A Saúde do meu Doente será a minha primeira preocupação.

Mesmo após a morte do doente respeitarei os segredos que me tiver confiado.

Manterei por todos os meios ao meu alcance, a honra e as nobres tradições da profissão médica.

Os meus Colegas serão meus irmãos.

Não permitirei que considerações de religião, nacionalidade, raça, partido político, ou posição social se interponham entre o meu dever e o meu Doente.

Guardarei respeito absoluto pela Vida Humana desde o seu início, mesmo sob ameaça, e não farei uso dos meus conhecimentos Médicos contra as leis da Humanidade.

Faço estas promessas solenemente, livremente e sob a minha honra.

Hipócrates deixou numerosos trabalhos escritos — cerca de sessenta —, conhecidos sob o nome de *Corpus Hippocraticum*, ou Coleção Hipocrática, que, para lá dos aforismos, abordam a medicina antiga, as «doenças sagradas» e também as epidemias, cirurgia, fraturas, doenças das articulações, ferimentos na cabeça, prognósticos, doenças agudas, úlceras, fistulas, e hemorroidas. Também são contempladas as teorias «dos ares, das águas e dos lugares», a que nos referimos antes, e que formam as bases da saúde pública e da investigação epidemiológica perante qualquer doença nova.

Hipócrates, não sendo um deus, e como humano que era, morreu no ano de 377 a.C., aos 83 anos, em Larissa, na Grécia, deixando para o futuro um legado incontornável e de uma riqueza ainda difícil de entender nos nossos dias. Há quem o apelide de «médico filósofo, colocado ao nível dos deuses». Foi há quase 2 500 anos. Muito do que disse estava certo e tudo o que fez foi aproveitado. É bom também que pensem nisso os que beneficiam dos avanços médicos proposto por este homem e, ao mesmo tempo, desconsideram a Grécia como se nada se tivesse passado naquele país a não ser o caos, as dívidas e o desgoverno.

SÃO LUCAS

O patrono dos médicos



São Lucas, mais conhecido por ser um dos quatro evangelistas, era médico. De origem grega, viveu em Antioquia, cidade grega que fica no atual território sírio. Crê-se que não terá crescido na religião hebraica.

Lucas não conheceu Jesus, e terá sido São Paulo quem o converteu ao cristianismo, tendo depois Lucas acompanhado este santo até ao seu martírio, sendo muito influenciado por ele.

Quando se procura a história de São Lucas, só se encontra a primeira referência na Epístola de São Paulo a Filemon, havendo depois outras referências noutras epístolas. Outra referência a São Lucas pode ser lida no «Prólogo Anti-Marcionita ao Evangelho de São Lucas», escrito no século II mas que parece ser, na realidade, do século IV.

Lucas terá conhecido Paulo em Troáde e viajado com ele pela Macedónia e depois até Filipos. Depois terão seguido para Roma onde ambos foram presos e Paulo decapitado.

Sabe-se que Lucas era médico e que exercia a sua profissão, especialmente junto dos mais pobres e desfavorecidos. Solteiro, sem filhos, morreu aos 84 anos de idade, provavelmente na cidade de Tebas, sendo um dos poucos a não sofrer um martírio. Os seus restos mortais estão na Basílica de Santa Justina, em Pádua, Itália, e é considerado o padroeiro dos médicos, como também o é dos curandeiros e dos pintores. O dia 18 de outubro foi escolhido pela Igreja Católica como o Dia de São Lucas, e é também o Dia dos Médicos.

Dada a escassez de documentação, muitas das afirmações são mais hipóteses do que factos provados, mas parece ser certo que São Paulo se referia a Lucas como «o seu médico predileto» e «amado médico».

GALENO

*O médico e filósofo cujas ideias
resistiram mil e quinhentos anos*

Cláudio Galeno ou Élio Galeno, em latim *Claudius Galenus*, nasceu em Pérgamo, no ano de 129, e, dada a sua proveniência, ficou conhecido como Galeno de Pérgamo. Foi um médico e filósofo romano de origem grega. As teorias «galénicas», juntamente com as de Hipócrates (ver pág. 24), dominaram e influenciaram a ciência médica ocidental por mais de um milénio.

Galeno era filho de Élio Nicon, um abastado patrício, arquiteto e construtor que tinha interesses muito ecléticos: filosofia, matemática, lógica, astronomia, agricultura e literatura.

No livro *Sobre as Moléstias da Mente*, Galeno fala do pai e refere-se-lhe como um «homem muito afável, justo, bom e benevolente» — não desejaríamos nós que os nossos filhos nos descrevessem assim? À altura, Pérgamo era um grande centro cultural e intelectual, conhecido pela sua magnífica biblioteca, na altura só inferior à extraordinária biblioteca de Alexandria, a qual tinha cerca de 700 000 rolos de papiros e que foi incendiada pelos navios de Júlio César aquando da invasão do Egito. Apesar de ser uma cidade menor, em comparação com outras, Pérgamo atraía filósofos, tanto estoicos como platónicos, com quem Galeno privou desde os 14 anos. Os seus estudos abrangeram cada um dos principais sistemas filosóficos da época, incluindo os defendidos por sábios como Aristóteles ou Epicuro.

O pai de Galeno destinava-lhe uma carreira tradicional na filosofia ou na política, tendo por isso o cuidado de lhe dar uma educação com uma visão literária e filosófica alargada. No entanto, segundo a versão contada pelo próprio Galeno, o pai teria tido um sonho em que o deus Asclépio aparecera e lhe ordenara que fizesse o filho estudar medicina.



Vindo as ordens de um deus, Nicon não regateou qualquer despesa para atingir esse objetivo e, assim, após a educação liberal e muito rica do ponto de vista intelectual, aos 16 anos Galeno entrou como auxiliar no prestigiado santuário local, designado por *Asclepeion*, em honra do deus da medicina, onde permaneceu por um período de quatro anos, tendo tido a oportunidade de aprender com vultos como Aeschrion de Pérgamo, Stratonicus e Sático. Estes santuários funcionavam como uma espécie de sanatórios onde o doente procurava ajuda mística. O templo de Pérgamo

era muito frequentado pelos patrícios romanos ricos, o que lhe dava prestígio e também dinheiro, sem o qual seria impossível desenvolver a arte. Foi neste ambiente que Galeno estudou vários ramos da ciência, designadamente filosofia e técnicas de anatomia, sob a direção dos médicos de Esmirna.

Galeno trabalhou aí dois anos, mas este período de tempo foi o suficiente para chegar à conclusão de que estava a perder tempo, pois entendia já ter aprendido o que havia para aprender e, ávido do saber e de mais conhecimento, resolveu partir para novos horizontes com o intuito de se aperfeiçoar em centros considerados de primeira linha, como os de Esmirna, Corinto e Alexandria. Estas viagens pelo Mediterrâneo terão durado cerca de dez anos. Ironizando, podemos dizer que foram um «Erasmus prolongado» dos nossos dias.

Após este período de estágio regressou a Pérgamo, corria o ano de 157, e passou então a ocupar o cargo de médico da escola de gladiadores, o que lhe permitiu enormes avanços nos conhecimentos cirúrgicos, dada a grande taxa de ferimentos nos lutadores; o contacto com estes permitiu-lhe uma especialização simultaneamente em dietética e cirurgia.

Roma era, naquela época, o centro do mundo, a capital do *Mare Nostrum*, pelo que não é difícil entender a opção de Galeno de para aí rumar no ano de 162. Como já havia ganho fama, ao curar um milionário de seu nome Eudemo, que não lhe regateou elogios, mais famoso

e reconhecido ficou quando foi chamado a tratar o próprio imperador Marco Aurélio que, entusiasmado com os saberes deste médico, o requereu como seu médico particular, no ano de 169, sendo-lhe depois também confiado o seguimento da saúde dos filhos dos imperadores Commodus e Sextus.

Para lá do trabalho clínico, Galeno fazia conferências sobre medicina e higiene, as quais eram tão concorridas que tinha de as apresentar num teatro, para que todos os que o desejavam ouvir coubessem no espaço. As aulas práticas que dirigia contemplavam a vivissecção (de cabras, macacos, cães, porcos e, consta, até de um elefante) e exames necrópsicos, tendo aberto um curso público no Templo da Paz, local onde se reuniam as principais personagens da corte. Foi em Roma que Galeno estudou mais pormenorizadamente o sistema nervoso, e permaneceu nessa cidade até ao ano de 192, salvo num curto período em que viajou novamente pelo Médio Oriente. No final da sua vida regressou a Pérgamo.

Os trabalhos de Galeno são notáveis, se pensarmos que era interdita a dissecação humana, mesmo em cadáveres. Os seus registos anatómicos referem-se principalmente a macacos, mas foram feitos com um enorme pormenor e mantiveram-se insuperáveis até ao aparecimento das ilustrações de Andreas Vesalius (ver pág. 100), em 1543, quase milénio e meio depois.

Ao que se pensa, a maioria das obras e estudos de Galeno ter-se-ão perdido ao longo dos tempos, mas é verdade histórica que produziu trabalhos sobre anatomia, fisiologia, patologia, sintomatologia e terapêutica, e que terá sido o mais destacado médico do seu tempo e o primeiro que realizou estudos na área da fisiologia.

Galeno fez muitas descobertas que se revelaram de uma enorme importância, como distinguir as veias das artérias, o sangue venoso do arterial, admitir (pela primeira vez na História) que as respostas do corpo eram controladas pelo cérebro, distinguir os nervos sensoriais dos motores, descobrir que os rins processavam a urina e demonstrar que a laringe era a responsável pela emissão da voz. Parecerá ao leitor que são «evidências muito evidentes», passe o pleonasma, e que qualquer criança do 1.º Ciclo as saberá. Talvez. Mas se isso é possível, hoje, é graças ao trabalho de investigação deste espantoso cientista e à sua persistência e desejo de saber mais e mais. Na altura, tais conceitos, mais do que revolucionários, eram mesmo impensáveis.

Decorria o ano de 170 quando Galeno decidiu realizar uma experiência que viria a mudar o rumo da medicina, quer pela descoberta em si, quer pela ousadia de desafiar o que parecia adquirido: demonstrou que as artérias conduziam sangue e não ar, como até aí então se acreditava, por incrível que nos possa parecer à distância de dois mil anos, o que faz pensar na nossa ignorância atual face ao que, daqui a dois milénios, os nossos descendentes saberão sobre a realidade médica. A descrição de Galeno sobre o coração e as funções das artérias e veias manteve-se como adquirida até William Harvey (ver pág. 119), em 1628, quase 1500 anos depois, provar que o sangue circulava graças ao efeito de bombagem produzido pelas contrações cardíacas. Relembremos que, na época em que Galeno viveu, era interdito observar o que se passava dentro de um ser humano vivo, e se pensarmos que tudo foi, portanto, imaginado pela observação exterior e que Galeno apenas falhou na conceção do sistema cardiovascular quanto à função de «bomba» do coração — o que, comparado com tudo aquilo em que acertou, trata-se quase de uma minudência — ficamos boquiabertos ao pensar como foi possível este homem saber e dar a conhecer tanto. No século XIX, os estudantes de Medicina ainda estudavam as teorias de Galeno, quase dois mil anos depois de este formidável médico as ter enunciado.

No campo da anatomia, Galeno reconheceu a existência de vários tipos de ossos, sistematizando-os em dois tipos, conforme tinham ou não cavidade medular, e descreveu a caixa craniana e o sistema muscular. Estudou os nervos do crânio e reconheceu os raquidianos, os cervicais, os recorrentes e uma parte do sistema simpático. Sem observar o corpo humano por dentro, conseguiu a inacreditável proeza de relacionar o nervo recorrente com a laringe e a laringe com a voz.

Para lá da anatomia, Galeno foi farmacologista e cirurgião, e muitos dos seus procedimentos, considerados demasiadamente ousados na altura, viriam a ser utilizados por rotina apenas alguns séculos depois, como, por exemplo, a sua proposta de intervenção cirúrgica para correção das cataratas oculares, hoje uma operação comum e banal que nem necessita de internamento.

Entre os seus contributos conta-se a obra *O Melhor Médico é Também um Filósofo* e assumia-se precisamente como misto de médico e de filósofo, defendendo que um médico, para o ser, tinha de praticar medicina com base num profundo conhecimento teórico ou

«filosófico» — hoje, quando a medicina se tornou, por vezes, numa “máquina tecnológica insensível”, estas palavras voltam a ter um significado profundo. Galeno interessava-se particularmente pelo debate entre as fações médicas racionalistas e empiristas, e defendia a utilização, na formação clínica, da observação direta, dissecação e vivisseção, como forma de fundamentar o exercício da medicina.

A anatomia foi, para Galeno, a pedra basilar da medicina, e só na Renascença é que os seus conceitos seriam, como já foi referido, postos em causa. Por outro lado, não sendo adepto da cirurgia, relegou esta faceta da medicina para segundo plano, embora tenha feito inúmeras experiências nesta área, as quais foram repescadas e desenvolvidas, no século XVI, por Ambroise Paré (ver pág. 81), considerado um dos «pais» da cirurgia.

Tal como Hipócrates (ver pág. 24), Galeno acreditava que as doenças tinham a sua génese nos «humores» e estavam relacionadas com a plethora ou excesso de humores, ou com a cacoquímia ou alteração dos humores: as respostas terapêuticas para estes estados eram as sangrias e as purgas. É da sua autoria o célebre antídoto teríaco, também conhecido por «fórmula de Galeno», um preparado que leva cerca de 70 ingredientes, desde opiáceos a carne de víbora.

Todavia, ao contrário de Hipócrates, as suas terapêuticas centravam-se na utilização dos contrários, no que designou por «*contraria contrariis curantur*» («o contrário, o contrário cura»). O seu arsenal de plantas medicinais era vasto, reunido numa parte da farmacopeia designada por «farmácia galénica».

Foi na época em que Galeno viveu em Roma que foram desenvolvidas importantes medidas de saúde pública, que viriam a transformar-se num «cartão de visita» da civilização romana por todo o lado, inclusive na Lusitânia, atual Portugal: instalação de fontes de distribuição de água potável, construção de esgotos e latrinas públicas, disponibilidade de termas públicas e as valetudinárias (estabelecimentos de cuidados de tipo hospitalar, para serem usados pelos veteranos e doentes).

A obra de Galeno foi brilhante mas ultrapassada pelos acontecimentos. Alguns autores apontam-lhe falta de modéstia e um temperamento algo narcísico. Deixou escritos cerca de 500 textos sobre medicina, filosofia e ética; todavia, um devastador incêndio no Templo da Paz consumiu grande parte da sua obra. Restaram 83, que lhe podem ser atribuídos com

absoluta certeza, e alguns outros de autoria duvidosa. Entre as suas obras destacam-se: *Comentários a Hipócrates*; *Sobre as Seitas*; *Sobre a Melhor Doutrina*; *Sobre a Medicina Empírica*; *De Anatomicis Administrationibus* (em quinze volumes); *De Usu Partium Corporis Humani* e *Método Terapêutico*, entre outras.

Morreu em Pérgamo (ou segundo alguns autores, em Roma), no ano de 201, com 82 anos de idade.

SORANO DE ÉFESO

O primeiro ginecologista

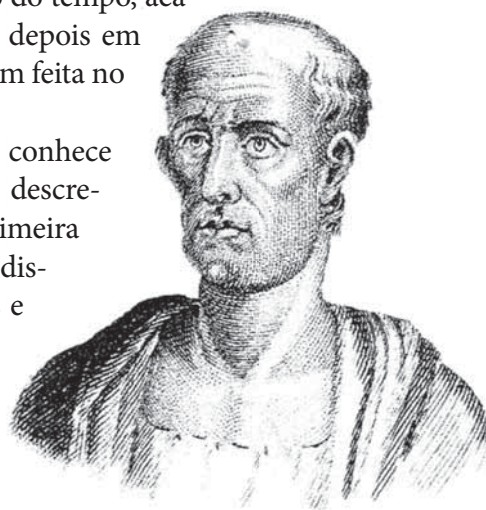
Sorano, nascido no século I d.C., foi um médico grego de Éfeso. Praticou medicina em Alexandria e mais tarde em Roma, entre os anos de 98 e 138.

Foi um dos maiores expoentes da Escola Metódica de Medicina, onde figuravam os mais prestigiados clínicos da época. Vários dos seus escritos resistiram ao tempo, designadamente o tratado de quatro volumes sobre ginecologia e uma tradução latina da sua obra *Sobre Doenças Crónicas e Agudas*.

Muito pouco se sabe sobre a sua vida, apenas que esteve algum tempo na Aquitânia, em França, com vista a ganhar formação no domínio do tratamento das doenças dermatológicas, que constituíam um problema comum na época (e ainda nos nossos dias!).

Para lá de uma biografia de Hipócrates, da qual sobejaram alguns vestígios e que provavelmente constituía um dos volumes de uma mais vasta coleção de biografias, Sorano elaborou um tratado intitulado *Ginecologia*, que sobreviveu à erosão do tempo, acabando por ser impresso em 1838 e depois em 1882, seguindo uma tradução do latim feita no século VI.

No *Tratado*, o primeiro que se conhece em que, de forma sistematizada, se descrevem as «doenças das mulheres», a primeira parte é consagrada às «parteiras», discorrendo sobre as qualidades físicas e espirituais necessárias para o exercício da profissão; seguem-se a anatomia dos genitais femininos e



as suas funções e a descrição da menstruação, concepção e gravidez. A última parte é consagrada à fisiologia do parto e às questões relacionadas com a assistência durante os vários períodos do parto, bem como aos cuidados a prestar aos recém-nascidos. Num segundo volume, Sorano aborda as doenças e a terapêutica dietética, farmacológica e cirúrgica. Se pensarmos que foi escrito há dois mil anos, acompanhado de ilustrações detalhadas, podemos ter a noção de como era inovador, quer no tema, quer na metodologia e na vastidão de assuntos abordados, e até mesmo pela intenção pedagógica e didática da obra.

Sorano de Éfeso escreveu também o tratado *Sobre os Sinais de Fraturas e Sobre Ataduras*. Do seu mais importante trabalho (*Sobre Doenças Crónicas e Agudas*), das partes originais restam apenas alguns pedaços, em grego, mas felizmente existe uma tradução latina da obra completa, que data do século V.

Além dos trabalhos referidos, Sorano foi o autor de muitos outros, dos quais apenas os títulos e alguns fragmentos chegaram até nós. Galeno (ver pág. 31) menciona dois trabalhos, na sua edição de *Farmácia*, dos quais cita algumas passagens. Tertuliano cita um trabalho, intitulado *De Anima*, em quatro volumes, no qual Sorano afirmaria que a alma se dividia em sete partes, negando a sua imortalidade. O próprio Sorano refere-se a muitos trabalhos adicionais (que não lhe sobreviveram) sendo, por exemplo, citado por Paulo de Égina como um dos mais remotos escritores médicos gregos a descrever os efeitos do «verme da Guiné», uma doença parasitária causada por um nemátodo que afeta o tecido conjuntivo do homem, causando febre, vômitos e comichão, com formação de bolhas e úlceras.

Sorano de Éfeso foi um dos médicos mais famosos da sua época, tendo recebido os títulos de *Medicinæ auctor nobilissimus* e de *Methodicæ Medicinæ instructissimus auctor*. Soubesse ele que viriam tempos em que, por exemplo, a adolescência seria reconhecida como um grupo com necessidades específicas e, certamente, teria escrito um aditamento à sua obra sobre o que hoje designamos por «saúde sexual e reprodutiva da adolescência», tais foram a sua genialidade e o seu espírito percursor.

AVICENAS

Médico, sábio e político da Antiga Pérsia

A medicina árabe — à semelhança do que aconteceu, aliás, com quase todos os aspetos científicos, técnicos e filosóficos — foi uma das que mais contribuiu para o desenvolvimento da arte, porventura não em acréscimos no saber, mas na conservação dos conhecimentos e tradições do pensamento de Hipócrates (ver pág. 24).

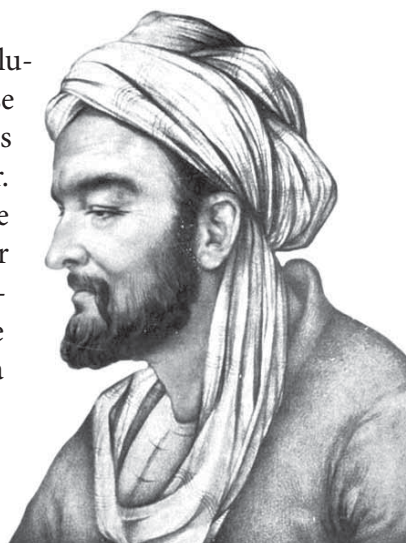
Abu Ali al-Hussein ibn-Abdullah Ibn-Sina, que ficou conhecido pelos ocidentais como Avicenas, era persa e foi um génio inovador. Tido como um homem ponderado, são deles as palavras: «o tempo faz esquecer as dores, apaga as vinganças, apazigua a cólera e sufoca o ódio; assim, o passado deixa de existir...».

Durante o grande domínio persa, que chegou à Península Ibérica, foi fundada em Espanha a cidade de Córdova, no ano de 929, e aí edificada uma biblioteca comparável à antiga Biblioteca Real de Alexandria, com centenas de milhares de volumes. A medicina árabe estava representada em grandes escolas, como as de Bagdad, Ispahan, Shiraz, Damasco, Cairo, Kéruan e, na Península Ibérica, nas de Córdova, Toledo, Sevilha e Saragoça.

Avicenas terá nascido no ano de 980, perto de Boukhara, na Pérsia, hoje território do Uzbequistão. A sua biografia é conhecida graças aos relatos de um discípulo, Al-Djourdjani. O pai era cobrador de impostos da administração samânida, a primeira dinastia de origem persa a controlar a Ásia Central e o leste do atual Irão, desde a invasão árabe e a queda do Império sassânida. O nome de Avicenas deve-se ao fundador da dinastia, Saman Khoda. Tendo como língua materna o persa, o médico viveu sempre no seu país.

Aos dez anos sabia o Corão de cor e dominava o árabe literário, bem como conhecimentos profundos de filosofia, e as artes e a língua

gregas; sendo uma pessoa de visão pluridisciplinar, Avicenas preocupou-se desde muito cedo com os diversos domínios do pensamento e do saber. Aos 16 anos terminou os estudos de direito, escolhendo depois aprofundar os conhecimentos em aritmética, álgebra, geometria, ciências naturais e medicina. Como artista, dedicou-se à música, à literatura e à poesia. Ainda teve tempo e espaço mental para estudar também teologia islâmica. Quase nos questionamos quantas horas teria cada dia da vida de Avicenas...



Aos 18 anos terminou os estudos em medicina, a disciplina que acabaria por marcá-lo para a posteridade. Curiosamente, o seu mentor nesta ciência, Issa Ibn Yahya, era cristão, o que, na altura, não era um óbice, dado que cristãos, judeus e muçulmanos, como representantes das três grandes religiões monoteístas, conviviam geralmente bem e respeitavam-se, salvo aquando de surtos de guerra religiosa incitada por poderes políticos e desejos de conquista. Avicenas, dados os seus dotes e a sua excelência, foi recomendado para ser o médico do próprio príncipe samânida.

Aos 21 anos escreveu o primeiro livro de filosofia — o *Tratado do Resultante e do Resultado*, em dez volumes — e traduziu obras de Hipócrates e de Galeno. No ano seguinte, em consequência da morte do pai, começou a trabalhar na administração pública, vindo a tornar-se primeiro-ministro (cargo designado por vizir) e médico do príncipe Prince Nub-Ibn-Mansur.

Sendo um homem de Estado — foi muitas vezes ministro e vizir —, não conseguiu evitar envolver-se em intrigas políticas e a sua vida foi uma sucessão de nomeações, demissões, prisões e evasões, bem como de ódios e amores, invejas e bajulações.

Em resultado dessa teia de interesses e jogos de intrigas, quando o sultão Mohammed El-Ghazin ascendeu ao poder, Avicenas teve de fugir e socorreu-se da atividade clínica para ganhar a vida, vivendo no Turquestão, na Pérsia e na Mesopotâmia.

Em 1015, com cerca de 35 anos, foi chamado a resolver um episódio de cólica renal de um dos líderes persas e, dado o sucesso da sua intervenção, nomeado médico particular do rei. Foram as cólicas renais do chefe que lhe permitiram, por diversas vezes, escapar à prisão. Todavia, cerca de oito anos depois desta nomeação, e já sem as boas graças do seu protetor, Avicenas teve novamente de fugir e refugiou-se na Pérsia, junto do emir Alaa-Ud Dawla, tornando mais profícua a sua obra.

Apesar de dominar várias ciências e da sua atividade eminentemente política, foi na medicina que Avicenas mais se destacou, tendo sido o primeiro a descrever um verme circular, conhecido como ancilóstoma ou *Necator americanus*, e que ainda hoje é causa de doença em centenas de milhares de pessoas, estudou as perturbações neurológicas e chegou a dedicar-se ao que hoje designaríamos por psicanálise (tantos séculos antes de Freud!), estabelecendo uma relação entre os fatores psíquicos e as doenças, e explorando o modo como a mente poderia condicionar os sintomas físicos. Descreveu também a «apoplexia» (acidente vascular cerebral) devida à hipertensão.

Avicenas, como cientista organizado e metódico que era, estudava, experimentava e analisava — foi assim que descobriu a natureza contagiosa da tuberculose e a propagação das doenças através da água e do solo, seguindo a linha de raciocínio já desenhada por Hipócrates. Descreveu as meningites e a paralisia facial, bem como algumas doenças dermatológicas e venéreas. Sendo um homem eclético, foram também grandes os seus contributos para a física, geologia, matemática e astronomia.

Este médico persa deixou inúmeras obras escritas — crê-se que mais de 400 —, pensando provavelmente que, assim como tinha ampliado os seus conhecimentos através dos livros e das bibliotecas, também outros, nas gerações posteriores, poderiam tirar proveito do material escrito sobre as suas observações e reflexões. O *Cânone de Avicenas*, composto por cinco volumes, descreve as teorias médicas, anatomia, medicamentos, doenças, sintomas e tratamentos de uma forma organizada e metódica, por ordem alfabética e topográfica.

Durante muitos séculos, o *Cânone* seria o livro de texto referência de gerações e gerações de médicos, sobretudo depois de ter sido traduzido para latim, por volta do ano de 1150, e de ser impresso em hebreu em 1473, em Itália. Foi editado mais de 30 vezes, o que, para a altura,

correspondia a um autêntico êxito. Hoje veríamos o *Cânone* no *top* de vendas das livrarias e apontado como um *best seller*. As «verdades» do *Cânone* só viriam a ser contestadas no Renascimento, por Leonardo da Vinci que, simbolicamente, queimou o livro em Basileia, num autêntico auto-de-fé (custa pensar que o grande Leonardo terá tido um gesto tão infame, mas até os génios têm os seus pecadilhos, o que lhes devolve a condição humana). A descoberta da circulação sanguínea, por Harvey (ver pág. 119), em 1628, foi o golpe de misericórdia nos conceitos de Avicenas. No total, este homem plurifacetado deixou 156 livros, dos quais 21 considerados da maior importância.

Avicenas morreu na sequência de uma doença gastrointestinal, em 1037, aos 57 anos de idade, em Hamadan, onde foi sepultado. Os seus detratores afirmaram, na altura: «se a sua medicina não pôde salvar o seu corpo, a sua metafísica não poderá salvar a sua alma». Mas a alma ou a fama de Avicenas chegou até nós — e aqui está, neste livro —, quase mil anos depois da sua morte.

PEDRO HISPANO

Um Papa que foi médico e português, ou vice-versa...

Pedro Hispano, ou Pedro Julião, nasceu em Lisboa, provavelmente na freguesia de São Julião, algures entre 1213 e 1218 — Cruz Pontes aponta para 1213, Maximiano Lemnos para 1218. Seria filho do médico Julião Rebelo e de Teresa Gil (há quem defenda ter sido filho do chanceler de D. Sancho I, Mestre Julião Pais). Frequentou a escola da Catedral de Lisboa e, desde novo, interessou-se por diversas ciências, como matemática, filosofia e medicina.

Viajou para Paris, onde estudou medicina e teologia, sendo colega de São Tomás de Aquino e de São Boaventura. Lecionou na Faculdade de Artes de Paris e, entre 1246 e 1252, foi professor de medicina na Universidade de Montpellier, também em França, uma das mais famosas da época, e na Universidade de Siena, em Itália, dedicando-se à dialética, lógica, física e metafísica. Foi apontado como um dos autores do tratado *Summulæ Logicales*, um manual sobre a lógica de Aristóteles que foi usado durante mais de três séculos em diversas universidades da Europa, tendo tido o número espantoso de 260 edições. Também colaborou em vários livros sobre doenças infecciosas, particularmente a lepra.

Voltando um pouco à terra e tentando ignorar que Pedro Hispano era português e que foi (até agora) o único papa com a nossa nacionalidade, põe-se cada vez mais em causa ter sido este Pedro Hispano a escrever o referido manual. Muitos textos têm o seu nome (mais de 50), mas duvida-se da autoria de alguns deles. Dante Alighieri (1265-1321), um dos maiores escritores, poetas e políticos medievais italianos (descrito como *Il sommo poeta* ou «o sumo poeta»), atribui-lhe não mais do que uma dúzia de volumes. A verdade é que existiram, na época, diversos «Pedros Hispanos», dado que a referência ao nome próprio e à da região

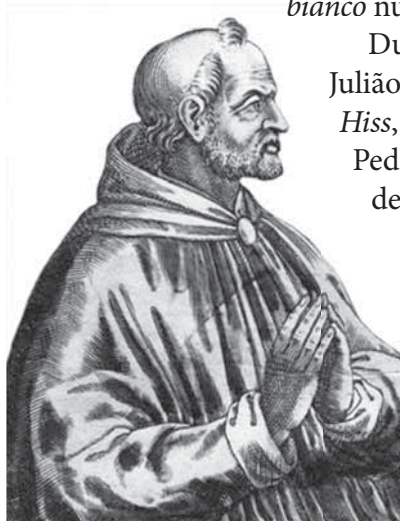
ou país de origem era uma maneira natural de tratar os mais distintos, tornando-se difícil distinguir os créditos de uns e de outros.

De qualquer modo, é certo que o «nosso» Pedro Hispano cultivou as ciências da época — houve quem lhe chamasse «o indivíduo mais douto do seu tempo» — e consagrou uma nova forma de pensar, definida como «um prazer sem esforço», fazendo ver que a crítica e a análise são atitudes essenciais no mundo da Ciência e do Homem.

Pedro Hispano dividiu os seus interesses pela filosofia, teologia, medicina e matemática, empenhando-se em atividades que pretendiam «descobrir as mil falácias que se escondem na lógica», tentando «conduzir os seus pensamentos e a mente das futuras gerações à linha retilínea do pensamento justo e claro».

Refere-se também que, quando Miguel Ângelo adoeceu gravemente com uma lesão ocular, devido ao esforço de visão decorrente da pintura do teto da Capela Sistina, teria sido Pedro Julião quem o terá assistido — de facto, é-lhe atribuída a autoria do tratado de oftalmologia intitulado *De Oculo*. O tratamento que prescreveu ao grande pintor e escultor, e que terá «salvo» a visão de Miguel Ângelo, consistiu, segundo se crê, num produto à base de sangue de pombo e crista de galo dissolvidos em vinho branco. Quando os leitores se deleitarem com os frescos da Capela Sistina, pensem em Pedro Julião, que antes de ser Papa e de poder ver essa capela, tinha curado o seu criador. Mas não pensem em sangue de pombo e cristas de galo quando se deliciarem com um copo de *vino*

bianco numa das numerosas praças de Roma!



Durante a sua estadia em Paris, Pedro Julião foi também conhecido como *Petrus Hiss*, *Petrus Juliani*, *Petrus Physicus*, Dom Pedro Juliano, Pedro de Espanha e Pedro de Portugal.

De volta ao nosso país, em data incerta mas antes de 1261, foi feito padre e decano da Sé de Lisboa. Protegido por D. Mateus, bispo de Lisboa, e pelo rei D. Afonso III, exerceu diversos cargos eclesiásticos e diplomáticos. Foi-lhe confiado o priorado da Igreja de Santo André, em

Mafra, sendo depois elevado a Deão da Sé de Lisboa, a Arcebispo em Braga, Dom Prior da Colegiada Real de Santa Maria de Guimarães, Arcebispo eleito de Braga, e Cardeal-Bispo de Túsculo. Participou no II Concílio de Leão, em 1274.

Apesar de ter sido um dos médicos portugueses mais conhecidos na Europa de então e, podemos dizê-lo, ainda na atualidade, Pedro Hispano deu prioridade à filosofia nas ciências a que se dedicou. Como filósofo, foi investigador e divulgador, fazendo uso dos textos de Aristóteles, transmitidos e comentados pelos árabes. Avicenas (ver pág. 39) influenciou muito a sua obra. Os trabalhos de Pedro Julião sobre medicina representam, no essencial, compilações de textos árabes e dos seus comentadores, e refletem os conceitos médicos aceites na época, sobretudo em Paris, onde aprendeu e estudou.

É-lhe atribuída a autoria de vários textos importantes, como o *Thesaurus Pauperum* (Tesouro dos Pobres). Essa obra, que descreve o tratamento de várias doenças, foi difundida por todo o Velho Continente e traduzida em 12 línguas. Existem, pelo menos, uma centena de edições desta obra, enquanto as obras de Hipócrates (ver pág. 24) eram praticamente desconhecidas na Europa. O grande médico de Cós não é referido por Hispano, enquanto Galeno (ver pág. 31) e Avicenas (ver pág. 39) são repetidamente citados.

O tratado de oftalmologia *De Oculo* teve ampla divulgação entre os médicos europeus. Provavelmente, desde que conheceu o nosso compatriota, Miguel Ângelo deve ter andado com olhos de lobo nas algibeiras para não ser atingido pela doença oftálmica, como recomendava o médico português nesse Tratado. No campo da filosofia, destacam-se as obras *Scientia Liber de Anima* e *Summulae Logicales*.

O Papa Gregório X, tendo conhecimento da relevância deste português, convocou-o a Roma, onde passou a desempenhar funções de médico da cidade papal, com o título de *Archiater*, que significava «chefe do departamento de saúde». Foi também Cardeal-bispo de Tusculum.

Em 1276, Pedro Hispano foi eleito Papa e escolheu o nome de João XXI. A sua eleição teve lugar em Viterbo, num período de grandes tensões políticas e religiosas. Alguns dos cardeais que integravam o conclave chegaram a ser agredidos, mas João XXI iria marcar o seu breve pontificado pela fidelidade ao XIV Concílio Ecuménico de Lião. Uma das suas primeiras medidas foi mandar castigar, num tribunal criado para

o efeito, os que haviam insultado e perseguido os cardeais presentes no conclave que o elegera.

O Papa João XXI decidiu também continuar a missão iniciada por Gregório X de reunir a Igreja Ortodoxa Grega à Igreja Católica Romana, tentando também libertar a Terra Santa do poder dos turcos otomanos. Não teve grande êxito mas temos de ver que só em 2016 é que um Papa, no caso Francisco, se reuniu com o patriarca ortodoxo. João XXI empenhou-se em reconciliar as grandes nações europeias, como a França, Alemanha e Castela, dentro do espírito da unidade cristã e, assim, enviou emissários a Rodolfo de Habsburgo e a Carlos de Anjou, mas as suas iniciativas diplomáticas foram goradas. Não foi apenas como promotor da paz entre as nações que este Papa, no seu breve pontificado, ficou para a História: de igual modo, teve iniciativas com vista ao ecumenismo: a 16 de novembro de 1276 aprovou a fundação do Colégio Miramar, por Raimundo Lulo, destinado ao estudo da língua árabe e um seminário na Ilha de Maiorca, no vale de Mossa (para onde curiosamente se retirou Chopin, com a sua mulher, a escritora George Sand, alguns séculos mais tarde), destinado ao ensino da língua árabe. Um dos seus grandes insucessos foi a organização da 8.^a Cruzada, em 1270, comandada por São Luís, que visava converter o emir de Tunes: uma epidemia dizimou a armada e o próprio rei francês morreu em solo tunisino, a 25 de agosto de 1270.

João XXI é descrito como uma pessoa muito simples e recebia em audiência tanto os ricos como os pobres. Será curioso imaginar um eventual encontro entre este Papa português e o Papa Francisco, pelas afinidades que parecem ter, em termos do que deve ser o representante de Cristo. Dante Alighieri, na sua famosa *Divina Comédia*, colocou a sua alma no Paraíso, entre as almas que rodeiam a alma de São Boaventura, apelidando-o de «aquele que brilha em doze livros», menção clara aos doze tratados escritos pelo erudito pontífice português. O rei Afonso X de Leão e Castela, o Sábio, avô de D. Dinis de Portugal, elogiou-o em forma de canção poema no *Paraíso*, canto XII. Mecenas de artistas e estudantes, é tido na sua época por «egrégio varão de letras», «grande filósofo», «clérigo universal» e «completo cientista físico e naturalista completo».

Deixou-nos, como médico, duas obras fundamentais: *Thesaurus Pauperum*, obra médica de índole geral, e *Liber de Oculo*, dedicado à

oftalmologia. São suas as palavras: «E quero que esta obra se chame tesouro dos pobres, consignando-a Àquele que se chama pai dos pobres, na qual, a ler-se com atenção, se encontrarão remédios fáceis e eficazes para quase todas as enfermidades, se o médico tiver como cooperador Aquele que criou da terra a Medicina. Porém, exorto e aconselho o leitor a que não despreze aquilo que desconhecido ler, nem aplique a medicina aos corpos a tratar antes de considerar a espécie da enfermidade e a natureza do doente.» Esta citação é retirada da obra *Thesaurus Pauperum*, o «Tesouro dos Pobres», em que o médico português ensinava os mais indigentes, pobres e sem recursos, e sem dinheiro para consultarem um médico a tratarem, eles próprios, das suas doenças — muitos séculos antes de a OMS, na Conferência de Alma-Ata, em 1974, ter declarado o mesmo. O sucesso foi enorme e, em 1497 (curiosamente, os dígitos das datas são os mesmos), a obra foi impressa em latim, em Antuérpia, (depois de ter sido levada à estampa em italiano). Seguiram-se reedições sucessivas em Lião, Paris e Francoforte, e depois mais tarde em Londres, em versão inglesa, e em Madrid, em versão castelhana. Seguiram-se as versões portuguesa, catalã, dinamarquesa, hebraica e germânica. «*Tradutori traditori*», reza o ditado, e muitas das suas obras foram adulteradas, o que é patente quando cotejadas com o texto original. Sabe-se, contudo, que, se para combater os estados doentios, recomendava «a abstenção da carne de Vénus», já para a cura das alucinações prescrevia «o uso do corpo da mulher».

O Dr. Escribório, da Universidade de Magdeburgo, afirma, sobre a obra de Pedro Hispano: «Mas se a alguém parecer que se deve ter menos fé no nosso Hispano, por exemplo, reclamando-se também a razão para a medicina, esse poderá entender claramente pelo prefácio do autor, que ele não é um simples empírico, mas um médico dogmático, quando proíbe que se apliquem remédios aos corpos a tratar, antes de considerar a espécie das doenças e a natureza do paciente, e manda que cada um se esforce por saber a natureza e compleição dos fenómenos?» — este era o dilema dos médicos, do século XIII: um autêntico combate entre a «*via experimentis*» e a «*via rationis*», combate esse que, porventura, ainda continua nos nossos dias.

No *Liber de Oculo*, Pedro Hispano descreve as regras higiénicas e da patologia ocular, definindo os olhos como «membros radiantes que emitem raios visuais que, por sua vez, vão ao encontro dos objetos,

revelando as suas cores e contornos, permitindo, deste modo, a ligação do nosso espírito com o meio exterior». A descrição de doenças é exaustiva e muitas das suas propostas terapêuticas poderiam constar dos atuais manuais de oftalmologia.

A sua maior preocupação foi que todos pudessem ter acesso aos tratamentos e, por isso, tentava descobrir unguentos e pomadas passíveis de serem feitas com ervas e plantas existentes na natureza, mesmo que algumas das terapêuticas fossem questionáveis, como a lavagem dos olhos com urina de rapariga virgem... mas se nos lembrarmos do efeito da amónia (existente em abundância na urina) como desinfetante, e da virgindade como pureza, a proposta deixa de parecer tão excêntrica como à primeira vista poderia ser. Do mesmo modo, a aplicação de leite de mulher ou de burra (este que sabemos, hoje, ser o leite mais parecido com o da fêmea humana) nas infeções, faz todo o sentido se pensarmos nos anticorpos que existem no leite materno e que tanto motivam as campanhas de amamentação... e que era do desconhecimento do médico. João XXI tinha uma intuição e uma perspicácia fora do comum.

Pedro Hispano é o único português que se sabe, de fonte segura, ter subido ao Céu, pelo menos na literatura. É a própria alma de São Boaventura, que terá sido seu condiscípulo em Paris, que o apresenta a Dante, no Canto XII da *Divina Comédia*:

*«Aqui estão Agostinho e Iluminado,
Que foram dos mais cedo a descalçar-se
Que o barão tornou de Deus amigos.
Com estes estão Hugo de São Vítor,
E Pedro, o Comedor, e Pedro Hispano,
O qual na Terra brilhou em doze tomos...».*

(tradução de Vasco Graça Moura — Quetzal editores, 2011)

Mais virado para as ciências médicas do que para as tarefas pontifícias, João XXI delegou os assuntos correntes da Sé Apostólica no Cardeal Orsini, futuro Papa Nicolau III. Quando começou a sua doença, retirou-se para a cidade de Viterbo, onde os papas tinham uma residência «de descanso», e aí veio a morrer, a 20 de maio de 1277, em consequência de

um desmoronamento das paredes, aquando de umas obras no palácio apostólico. O facto deu muito que falar e aventou-se a hipótese de crime, ou de ter sido vítima de uma das suas experiências de alquimista... ou se calhar tratou-se de um mero acidente. Provavelmente nunca se saberá a verdade.

Foi sepultado junto do altar-mor da Catedral de São Lourenço, naquela cidade. No século XVI, durante os trabalhos de reconstrução do templo, os seus restos mortais foram trasladados para um modesto túmulo mas nem aqui encontraram repouso eterno. Através do contributo da Câmara Municipal de Lisboa e graças à iniciativa do Dr. João Soares, então seu presidente, o mausoléu de Pedro Hispano foi colocado, a título definitivo, ao lado do Evangelho de Catedral de Viterbo, a 28 de março de 2000.